

A resistência à teoria: o império da civilização mediática como derrota do pensamento

Erick Felinto

Trivinho, Eugênio (2007). *A dromocracia cibercultural: lógica da vida humana na civilização mediática avançada.* São Paulo: Paulus.



Resumo: *A dromocracia cibercultural* trata do desenvolvimento da sociedade tecnológica em seu estágio cibercultural. Aborda vários problemas e questões ligados ao campo da cibercultura, a partir de uma perspectiva crítica que denuncia o imperativo dromológico da civilização mediática — a exigência constante de velocidade e aceleração. Com isso, desnuda a violência simbólica e o esvaziamento da política na cultura das tecnologias digitais.

Palavras-chave: cibercultura; dromocracia; comunicação

Abstract: *Resistance to theory: the empire of the mediatic civilization as the defeat of reason* — “*A Dromocracia Cibercultural*” (*Cultural Dromocracy*) deals with the development of technological society in its cybercultural stage. It broaches several problems and issues associated with the field of cyberculture from a critical perspective, denouncing the “dromological” imperative of the mediatic civilization — its constant demand for speed and acceleration. In so doing, the work unveils the symbolic violence and the erosion of politics within the culture of digital technologies.

Keywords: cyberculture; dromocracy; communication

Não existe razão indiferente à sedução do mito ou ciência desvinculada das vicissitudes dos ambientes culturais e históricos nos quais ela é produzida. Toda ciência é filha de sua época e está pelo menos parcialmente sujeita aos ditames do dia. É por essa razão que é possível falar em “modas intelectuais” quando determinadas idéias se convertem em mandamentos de elegância para a boa vida intelectual. A escolha das referências, das formas discursivas, das metodologias e dos objetos nos propiciará vestimentas aceitáveis e em sintonia com certo espírito da época ou condenáveis, na qualidade de sintomas de um passadismo incômodo como uma velha sobrecasaca de lã.

O novo livro de Eugênio Trivinho, *A dromocracia cibercultural: lógica da vida humana na civilização mediática avançada*, assume sem temor o risco de sofrer essa terrível condena da inadequação aos parâmetros das correntes modas intelectuais. Não porque a escritura de Trivinho não seja elegante em muitos diferentes níveis ou porque seus objetos aparentem estar ultrapassados, mas porque o autor constrói sua obra a partir de dois princípios que, segundo determinado olhar, se apresentam como resquícios de um velho mundo epistemológico condenado à desapareição: o pensamento de matriz crítica e o estilo de exposição de natureza essencialmente filosófico-conceitual. Nos dias que correm, tais princípios parecerão para muitos as pesadas sobrecasacas que conviria lançar fora diante radiante verão das conquistas tecnológicas contemporâneas.

Nesse sentido, não surpreende que Trivinho inicie sua argumentação com uma cerrada defesa da categoria de crítica teórica e um sistemático ataque ao que denomina “descritivismo metodológico”, ou seja, a adoção de uma postura epistemológica buscando simular, no horizonte das ciências humanas, os ideais das ciências exatas e da natureza. Para Trivinho, o descritivismo metodológico repousa numa ilusão tecnicista fundada em empirismo ingênuo e em ausência de tensionamento com o real. Em última instância, constitui um “procedimento (velado) de exorcismo da subjetividade” e resulta num “mero espelhamento teórico ou reflexo conceitual [...] da obviedade mais visível” (p. 29). O remédio contra essa atitude — segundo o autor cada vez mais difundida nas universidades e centros de pesquisa — é precisamente a categoria de crítica teórica, que nada tem de necessariamente “apocalíptica” ou pessimista. De fato, a complexidade dos cenários e problemas tratados por Trivinho já não pode ser subsumida no reducionismo simplista de categorias como “apocalíptico” ou “integrado”, nem abordada a partir de empirismo ingênuos para os quais o mundo se oferece pronto e à inteira disposição do observador científico.

Essa tomada de posição logo nas páginas iniciais da obra parece ainda mais oportuna quando se considera a inquestionável atualidade do objeto escolhido pelo autor: os impactos sociais, culturais e políticos da *civilização mediática em tempo real*. A um olhar doutrinado pelas modas acadêmicas, não escapará a aparente “contradição” entre objeto tão contemporâneo e princípios epistêmicos tão “antigos” (como a categoria de crítica ou as importantes referências à Escola de Frankfurt). Contradição que Trivinho desfaz ao denunciar que a simples afirmação entusiasta do *status quo* tecnológico nada tem de propriamente atual, mas remete a uma longa história do processo de “dromocratização” da vida humana. Em outras palavras, a cibercultura constitui fundamentalmente um estágio posterior (mais sofisticado e complexo, sem dúvida) de um movimento de aceleração tecnológica da existência que tem início já no alvorecer da modernidade (ou mesmo antes disso). Somos todos violentamente forçados a participar de um processo sócio-tecnológico no qual o mandado da velocidade (*dromocracia*) é o traço fundamental.

O tema essencial da obra é, portanto, a “lógica da vida humana na civilização mediática avançada”. Tomando como referência essencial a obra de Paul Virilio, mas dialogando com desenvoltura com pensadores tão diversos como Heidegger, Simondon e Nietzsche, Trivinho nos oferece um diagnóstico abrangente da cibercultura em suas implicações políticas, antropológicas, estéticas, sociais e psicológicas. De modo geral, todas as questões ali abordadas — do hipertexto ao tema das identidades na internet — são referidas aos imperativos da *dromocracia* e da condição *transpolítica* da sociedade tecnológica. O panorama desenhado por Trivinho não é animador, e abundam no texto expressões como “terror”, “exclusão”, “totalitarismo”, “violência” e “morte”. Pode-se questionar a severidade com que o autor desafia os males da sociedade tecnológica contemporânea, mas num cenário em que a maior parte da literatura sobre o tema é de caráter afirmativo ou mesmo ufanista, o trabalho de Trivinho aparece como contraponto crítico necessário. Quando o pensamento científico se converte em mera reprodução dos discursos sociais, o tensionamento crítico oferece uma importante voz de dissenso (hoje certamente minoritária).

Por outro lado, a forma ensaística e filosófica adotada pelo autor também constitui uma tomada de posição importante contra os imperativos tecnicistas que dominam boa parte da produção intelectual das ciências humanas nos dias que correm. Imperativos que derivam em grande medida da própria lógica da civilização mediática avançada, e que operam com base na ilusão de que certos modelos, temas e metodologias de pesquisa são socialmente mais importantes ou efetivos que outros. Esse tipo de raciocínio transforma a empiria numa ferramenta mágica capaz de legitimar automaticamente o discurso científico, ao mesmo tempo em que desqualifica toda a tradição ensaística das ciências humanas, cuja contribuição para a ciência e a sociedade é significativamente superior a tudo que já se fez, por exemplo, em termos de pesquisa quantitativa. Isso não quer dizer que o pensamento deva abdicar de um radical enraizamento na realidade para habitar num platônico céu das idéias. Porém, não existe pensamento forte que não nasça de um profundo choque com o mundo a sua volta.

Trivinho sabe que suas escolhas metodológicas e estilísticas implicam determinados riscos e os enfrenta com denodo, mas nem sempre com igual sucesso. No capítulo sobre identidade e *chats*, sem dúvida um dos mais interessantes e ricos da obra, alguns argumentos parecem excessivamente sumários ou pouco atentos à complexidade do real. Trivinho defende a idéia (já um lugar-comum da literatura sobre o tema) de que os *chats* “levam o efeito de pós-modernização do fenômeno identitário às últimas conseqüências” (p. 389), permitindo uma completa implosão de seu modelo convencional. Entretanto, o tratamento do problema da identidade no texto, refinado e denso na primeira parte da argumentação (onde se realiza um histórico da noção), perde alguma consistência na segunda parte, dedicada à análise do fenômeno no horizonte da internet. Não basta denunciar a “espectralização” da identidade no ciberespaço ou apontar a convergência de

tal fenômeno com a fragmentação identitária característica da pós-modernidade. Se tanto a noção unitária da identidade moderna quanto a fractalidade do indivíduo pós-moderno e os sonhos libertários do cibese espaço devem ser abandonados como formas de “violência simbólica”, que alternativa nos restaria? O *devir*, responde sumariamente o autor, sem deslindar essa noção (de enorme complexidade filosófica) e explicar em que medida ela permite efetivamente um escape das supostas manifestações de violência simbólica dos modelos identitários abordados.

De forma geral, entretanto, *A dromocracia cibercultural* é uma obra de estruturação cerrada, com argumentação precisa e uma preocupação metodológica que beira a obsessão. O autor sabe que seu lugar de fala é impopular (a tradição crítica) e por isso cerca-se de todos os cuidados possíveis. Paradoxalmente, em seu desejo de clareza e completude, Trivinho acaba, por vezes, dificultando o trabalho do leitor. Sem dúvida que os adendos com as sinopses dos capítulos (um cuidado virtualmente inédito na literatura acadêmica em nosso meio) e o vocabulário da “crítica da dromocracia cibercultural” são utilíssimos não apenas para os pesquisadores do tema como para os estudantes nele interessados. Todavia, a quantidade excessiva de notas de rodapé (algumas de dimensões cavalares) trunca, por vezes, a fluidez da leitura, especialmente nas primeiras partes da obra. Certos torneios verbais, nos quais se sucedem séries de termos e expressões remetendo a conceitos freqüentemente complexos, também emprestam ao texto um sabor de hermetismo excessivo (ainda que recheado de elegância e humor refinado). Exemplo de tais instâncias encontramos logo na apresentação do livro, quando Trivinho define os discursos videntes da cibercultura como “emergente cantilena sociotecnológica e proselitista planetária, o ciberufanismo neo-iluminista [...] funcionalista tardio e pragmático-utilitário, não raro de tipo místico, a um só tempo neopositivista...” (p. 28). Para fazer justiça à obra, deve-se dizer, contudo, que nenhuma dessas peculiaridades estilísticas diminui o prazer de sua leitura. Mesmo as dificuldades que se apresentam ao leitor parecem obedecer ao propósito sistemático de estabelecer ruptura com os automatismos, os reducionismos e os empirismos ingênuos que caracterizam a *forma mentis* da civilização mediática avançada.

Outro aspecto ainda que comparece como mérito decisivo do autor é o rigor com que busca definir seus conceitos essenciais. De fato, *A dromocracia cibercultural* é uma das pouquíssimas obras sobre o tema que se preocupa em oferecer definições da cibercultura ou do ciberespaço, freqüentemente tratados na literatura corrente como noções *auto-evidentes*. Essa carência de definições (inclusive dos conceitos de base) nos conduz a territórios sempre nebulosos, nos quais todos os gatos são pardos e a cibercultura se apresenta como o estado natural da existência contemporânea. Trivinho evita esse caminho perigoso e nos oferece um alentado volume no qual a cibercultura é escrutinada de forma exaustiva. No capítulo quatro, aborda inclusive as relações entre estética e cibercultura, intrometendo-se em campos cuja pertinência para a área da comunicação é freqüentemente questionada. Assim, alerta para as importantes e viscerais relações entre arte e

comunicação, relações que toda uma interessante literatura estrangeira sobre as novas mídias tem dissecado insistentemente (vejam-se, por exemplo, os trabalhos de Siegfried Zielinski, Mike Sandbothe, Laura Marks ou Margaret Morse). Nesse sentido, a obra constitui-se em guia mais que útil para pesquisadores e estudantes envolvidos com questões sobre as novas tecnologias digitais e seus impactos socioculturais. Ali, eles encontrarão desde reflexões sobre o corpo tecnologizado até discussões sobre as complexas conexões entre o local e o global (consubstanciadas na noção híbrida de “glocal”) e o imaginário midiático contemporâneo. Alie-se a tudo isso a extrema habilidade com que o autor reúne textos diferentes escritos para as ocasiões mais diversas numa obra que em todo momento transpira a organicidade característica apenas de trabalhos produzidos num só fôlego.

Após *Redes: obliterações no fim de século* (1998) e *O mal-estar da teoria* (2001), *A dromocracia cibercultural* se apresenta como obra de maturidade de Eugênio Trivinho. As pretensões e desafios que tal obra se impõe não são poucos. Podemos mesmo questionar até que ponto o autor consegue desembaraçar-se com êxito de tantos temas tão complexos. Não podemos, contudo, negar sua importância e valor no contexto dos estudos de cibercultura (e de comunicação) no Brasil. Seu texto denso, seu apreço pelo rigor, seu posicionamento crítico e sua generosidade com os interlocutores fazem de Trivinho um pensador indispensável no cenário ufanista, afirmativo e muitas vezes antifilosófico da investigação sobre as tecnologias de comunicação e informação.

ERICK FELINTO é mestre em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ, doutor em Literatura Comparada pela UERJ e especialista em Romance Linguistics and Literatures, pela University of California, Los Angeles. Atualmente é Pesquisador do CNPq e Procientista da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde atua no mestrado em Comunicação Social. É autor dos livros *A religião das máquinas: ensaios sobre o imaginário da Cibercultura* (Sulina, 2005) e *Passeando no labirinto: ensaios sobre as tecnologias e materialidades da Comunicação* (EDIPUCRS, 2006).

erickfelinto@uol.com.br

